

**Positivismo X Neotomismo:  
Reflexões sobre práticas historiográficas no Brasil e na Argentina (1870-1940)**

Ana Paula Barcelos Ribeiro da Silva \*

**Resumo:** Neste trabalho propomos analisar as práticas historiográficas no Brasil e na Argentina entre as décadas de 1870 e 1940. Relacionando diálogos intelectuais e teoria da história, pensamos o neotomismo como alternativa à visão de história positivista predominante entre as décadas de 1870 e 1910. Positivismo que, com teorias evolucionistas, dificultava o alcance de reconhecimento e legitimidade por países de passado colonial ao ratificar suas características de desqualificação. O neotomismo teria oferecido a muitos intelectuais a possibilidade de, ao falar de sua própria história, conjugar fé e razão, tradição e modernidade. Tendência observada em especial entre as décadas de 1920 e 1940. Utilizando periódicos e atas de congressos de história, demonstramos como os conflitos entre fé e razão influenciaram a escrita da história no Brasil e na Argentina.

**Palavras-chave:** Práticas Historiográficas – Positivismo – Neotomismo.

**Abstract:** In this paper we propose to analyse the historiographic practices in Brazil and Argentina between the decades of 1870 and 1940. Connecting intellectual dialogues and theory of history, we reflect about neothomism as an alternative to the positivist history predominant between the decades of 1870 and 1910. Positivism that, with evolucionist theories, used to make difficult the reach of recognition and legitimacy by countries with colonial past ratifying their disqualification features. Neothomism would have offered to many intellectuals the possibility of, talking about their own history, relating faith and reason, tradition and modernity. Tendency observed especially between the decades of 1920 and 1940. Using periodicals and history congresses minutes, we demonstrate how conflicts between faith and reason have influenced the writing of history in Brazil and Argentina.

**Keywords:** Historiographic Practices – Positivism – Neothomism.

Este trabalho faz parte de uma tese de doutorado desenvolvida na Universidade Federal Fluminense. Nela analisamos a teoria da história através da relação entre intelectuais e categorias do tempo de modo a demonstrar a complexidade do tempo histórico que envolve o objeto de pesquisa e o trabalho do historiador. Para isto pensamos os diálogos intelectuais desenvolvidos entre ex-metrópoles e ex-colônias a partir dos casos do Brasil e de Portugal e da Argentina e da Espanha, além de analisarmos os empreendimentos de intercâmbio intelectual entre as ex-colônias Brasil e Argentina. Em meio a estas trocas intelectuais focalizamos numa discussão acerca da escrita da história desenvolvida por estes países entre o final do século XIX e o início do século XX. Nela surge como eixo das preocupações intelectuais a resignificação da história, em especial diante da miscigenação e do passado

---

\* Doutoranda em História Social pela Universidade Federal Fluminense. Bolsista CAPES.

colonial. Num momento de inserção numa esfera intelectual excludente era preciso responder às demandas trazidas por este passado marcado por características que comprometem, no presente, as tentativas de obtenção de reconhecimento e legitimidade diante do outro. Tzvetan Todorov<sup>1</sup> lembra que a conquista de alteridade relaciona-se ao pertencimento a um grupo que nos confere legitimidade. Afinal, a legitimidade do nós existe a partir de uma relação com os outros. Processo que identificamos como desenhado entre o final do século XIX e o início do século XX por meio da atuação de intelectuais e instituições. Na pesquisa trabalhamos com materiais das missões diplomáticas do Brasil no exterior; acordos e atas de congressos internacionais sobre a escrita da história; periódicos; e correspondências entre intelectuais parte destes intercâmbios culturais. Estas fontes estão depositadas no Arquivo Histórico e na Biblioteca do Itamaraty, no IHGB, na Biblioteca Nacional, na Biblioteca Florestan Fernandes da FFLCH/USP, na Academia Nacional de História Argentina, no Instituto de História do Direito e na Biblioteca Nacional de Buenos Aires.

Objetivamos, a partir deste texto, datar e analisar as práticas historiográficas no Brasil e na Argentina entre o final do século XIX e o início do século XX. Situamos a análise, em especial, entre as décadas de 1870 e 1940 quando a escrita da história torna-se parte essencial na construção de uma forma de se pensar países de passado colonial com suas fortes características de miscigenação e desqualificação. A busca de reconhecimento e legitimidade para estes países incluía a elaboração de uma concepção de história que os inserisse na modernidade sem apagar características tradicionais. Surge aqui um conflito entre tradição e modernidade que se reflete no olhar sobre a história. Conflito também caracterizado por duas formas divergentes de se pensar a sociedade, as relações de poder e a história: o positivismo e o neotomismo. Como veremos, consideramos que estas duas concepções filosóficas constituíram boa parte das análises do passado entre as décadas de 1870 e 1940 no Brasil e na Argentina. Mais especificamente, o positivismo teria sido predominante entre 1870 e 1910, enquanto o neotomismo se apresentou com força entre as décadas de 1920 e 1940, após um processo de reconciliação entre Estado e Igreja. Se o positivismo apagava a fé em prol da razão e do empirismo, o neotomismo trazia para muitos intelectuais a possibilidade de conjugar fé e razão, tradição e modernidade, o que condizia com as expectativas de futuro da classe dominante. Assim, a interpretação da história no Brasil e na Argentina era parte de um debate enraizado numa sociedade que almejava se modernizar sem abandonar suas características tradicionais, cristãs e conservadoras. Estas garantiriam unidade, equilíbrio e

---

<sup>1</sup> TODOROV, Tzvetan. *Nous et les autres: La réflexion française sur la diversité humaine*. Paris : Éditions du Seuil, 1989. Do mesmo autor, cf. *A vida em comum: Ensaio de antropologia geral*. Campinas: Papyrus, 1996.

conciliação para o presente e o futuro. Impediriam a subversão e o conflito em sociedades miscigenadas e culturalmente diversificadas.

Marcado pela predominância do positivismo na segunda metade do século XIX o campo intelectual europeu e latino-americano buscou empírica e racionalmente bases teóricas e metodológicas para a produção do conhecimento histórico. Embora não tenha sido hegemônico, o positivismo exerceu notável papel nas análises sociais e nas práticas historiográficas neste período. Na Argentina e no Brasil essa tendência se confirmou deixando fortes conseqüências políticas e ideológicas na intelectualidade. Assim, mesmo sofrendo alguns focos de resistência por seu excessivo cientificismo, o racismo e o biologismo positivistas devem ser largamente considerados ao se tratar das práticas historiográficas nestes países entre o final do século XIX e o início do século XX. De acordo com Antonio Paim, através do contato com o pensamento do intelectual francês Augusto Comte impunha-se “a idéia de que a sociedade marchava inelutavelmente para um estágio de plena racionalidade”<sup>2</sup> (PAIM, 1974:79). Assim, a ciência e a razão garantiriam o equilíbrio social. Com a consolidação da República brasileira o positivismo logrará ainda maior ascensão, tornando-se a corrente filosófica dominante no país. Trazia, porém, como problema a oposição à religião tradicional em prol do espírito científico. Além disso, o olhar positivista sobre a história implicava numa perspectiva mecanicista sobre as ações humanas que limitava as possibilidades de escolha e a construção de caminhos que rompessem com o previamente calculado. Portanto, se seguimos um caminho linear, causal e previsível, nossa história de colonialismo e miscigenação atrasaria em muito a superação dos obstáculos que se impunham ao alcance da civilização. A partir daí coloca-se uma questão: como abreviar este processo de modo a antecipar a superação da desqualificação que nossa história nos confere? Preocupação que envolveu muitos intelectuais no período de passagem à modernidade.

Flora Sussekind e Roberto Ventura lembram que a partir de 1870 no Brasil, com o positivismo e o evolucionismo, as teorias racistas foram adotadas com força e envolviam a classe dominante em um dilema: “se as raças negra e índia, além da latina, eram inferiores, estariam a nação e o povo brasileiros irremediavelmente condenados ao atraso?”<sup>3</sup> (SUSSEKIND e VENTURA, 1984:99) Este impasse exigia como caminhos a aceitação de que não haveria saída ou, por outro lado, a formulação de alternativas que ajustassem estas teorias ao contexto brasileiro. Diante da miscigenação, sociólogos ligados a teorias racistas

---

<sup>2</sup> PAIM, Antonio. *História das Idéias Filosóficas no Brasil*. 2ª ed. SP: Grijalbo, 1974. p. 79.

<sup>3</sup> SUSSEKIND, Flora e VENTURA, Roberto. *História e Dependência – Cultura e Sociedade em Manuel Bomfim*. SP: Editora Moderna, 1984. p. 99.

ainda defendiam “uma inferioridade especial, devida aos cruzamentos em si”<sup>4</sup> (SUSSEKIND e VENTURA, 1984:115). Estaríamos, portanto, marcados pela perspectiva de inferioridade que nossa formação histórica e social nos conferia e dificilmente conseguiríamos escapar a esta desqualificação. Para os intelectuais do período que viviam este dilema de forma acentuada era preciso encontrar um novo caminho interpretativo para a questão. Assim buscaram fazê-lo, ora de forma mais conservadora, ora de forma mais progressista denunciando a ideologia da exploração aqui presente.

Na Argentina, o positivismo também encontrou campo aberto entre os intelectuais ligados à escrita da história, onde deixou seus efeitos principalmente em aspectos metodológicos. Esta influência se fez notável no referente à pesquisa em arquivos que será pauta de trabalho para os historiadores ainda nas décadas de 1930 e 1940. Por volta de 1900, o positivismo se conjugava no país a uma ideologia liberal. Cabia bem aquele contexto a elaboração de um olhar sobre a realidade pautado na experiência e em fatos comprováveis ou verificáveis. No país, assim como no Brasil, o positivismo manteve a negação da metafísica, o cientificismo laico, o determinismo e o mecanicismo, o desprezo pela tradição nacional e o pragmatismo. Aspectos condizentes com a ideologia liberal que buscava aproximar países americanos dos padrões culturais europeus. A noção de história como progresso se encaixava na visão de mundo liberal. Ser moderno significava aderir aos valores do progresso e fortalecê-los a partir da história. O positivismo conjugava-se bem a esta perspectiva pragmática de modernidade. Nos anos de 1930, no entanto, o contexto a ele favorável sofre transformações. A crise levava a se repensar os rumos históricos do país. Isto gerou, inclusive, uma renovação nos estudos históricos que envolveu intelectuais e instituições. Renovação em grande parte liderada pela *Academia Nacional de la Historia*. Estes valores renovados priorizavam características nacionais em oposição ao que havia sido produzido durante muito tempo por homens europeizados. Diante da crise, propõe-se um retorno ao passado que forneceria elementos para a valorização da tradição e a definição de uma identidade nacional. O progresso e a modernidade teriam se demonstrado insuficientes para englobar a realidade de um país de passado colonial, miscigenado e marcado pelo incremento da imigração. Buscam-se alternativas na tradição nacional, o que condizia com a necessidade de legitimidade destes países enquanto nações com identidade e cultura próprias. Seria preciso superar a desqualificação oriunda do colonialismo e da miscigenação, sem repetir modelos europeus.

---

<sup>4</sup> Ibidem, p. 115.

Neste momento de transformações por volta das décadas de 1920 e 1930, quando os interesses dos intelectuais que pensavam a história também se modificam, o positivismo passa a representar um grande problema. Afinal, o evolucionismo a ele atrelado punha países de passado colonial e miscigenado numa posição de inferioridade que lhes caracterizava como bárbaros e incivilizados. A ênfase no progresso linear como explicativo dos acontecimentos históricos nos aprisionava numa idéia de atraso que limitava nosso acesso ao reconhecimento na esfera intelectual européia. Lembremos que se queria construir um pensamento próprio e autônomo. Porém, para ser validado, este conhecimento precisaria ser pelo outro avaliado e reconhecido. De acordo com as idéias positivistas, o Brasil e a Argentina estariam em profundo atraso em relação aos países europeus e suas características de desqualificação demorariam muito a ser superadas. Com características tão distintas das européias, a interpretação da América Latina através de modelos europeus nos traria resultados dos mais pessimistas. Portanto, o positivismo se tornou um obstáculo para a legitimação das nações latino-americanas. Torna-se necessária a elaboração de uma leitura de história da América que combatesse a inferioridade que positivistas e evolucionistas identificavam na América Latina. A própria legitimação deste conceito nas décadas de 1930 e 1940 exigia um exercício de autoqualificação.

Acreditamos que a partir da década de 1920 o tomismo encontrou forte entrada no Brasil e na Argentina, funcionando como resposta aos conflitos entre tradição e modernidade vividos pelos intelectuais. Neste sentido, defendemos a hipótese de que as práticas historiográficas nestes países podem ser mapeadas através de uma predominância do positivismo entre as décadas de 1870 e 1910, mesmo diante de focos de resistência; enquanto que aproximadamente entre as décadas de 1920 e 1940 percebemos a força do tomismo, ou melhor, do neotomismo, condizente com o contexto histórico, político e social que então se desenhava. Afinal, o positivismo gerava uma grande dificuldade para se falar da idéia de nação e para se valorizar os elementos de uma tradição nacional. Sendo assim, era preciso buscar outra explicação para que não se pudesse continuar inferior; uma alternativa que fosse capaz de preencher as lacunas que a ordem liberal burguesa havia deixado e responder às incertezas que a primazia da razão não soube esclarecer. Alternativa que satisfizesse os anseios e interesses de uma classe dominante cristã temerosa quanto à manutenção do seu poder. Assim, busca-se uma via que não seja subversiva, como o socialismo e o comunismo, e nem estritamente racional ou apenas religiosa. Romper com a razão liberal não poderia, já transcorridas duas décadas do século XX, significar o abandono por completo das contribuições da ciência e da razão. Seria preciso encontrar uma alternativa capaz de conjugar

a fé que se temia ter perdido e o que de positivo teria sido trazido pela razão. Será esta a função do neotomismo, alcançando uma ampla esfera de intelectuais católicos ou não.

Cabe ressaltar que este era um período de reconciliação entre Igreja e Estado tanto no Brasil quanto na Argentina. A Igreja, que havia perdido muito do seu poder com o governo republicano e a ascensão das idéias positivistas, buscava retomar seu espaço diante da crise<sup>5</sup>. Objetiva-se no contexto das décadas de 1920 e 1930 derrubar as barreiras que separavam intelectuais e Igreja, religião e ciência, fé e razão. Daí a formação de uma linha de pensamento mais aberta à pluralidade e a releitura de valores cristãos adaptados à modernidade. É neste ponto que o neotomismo entrará com força no Brasil e na Argentina. Acreditamos que isto se dá também no campo da história, na medida em que se deseja elaborar uma interpretação histórica da realidade latino-americana que valorize os aspectos nacionais sem apagar a esfera universal na qual estão inseridos. Isto num momento no qual é preciso romper com a predominância do positivismo no campo intelectual. Se este acabava por ratificar nossas características de desqualificação, o neotomismo ofereceria aos intelectuais a possibilidade de falar sobre sua própria história de forma mais otimista, sem apagar a presença de Deus e sendo capazes de comprovar suas hipóteses através da razão. Assim, tradição e modernidade seriam conjugadas na releitura da história, sem se deixar levar pelo conflito, pelo ateísmo ou pela laicização.

Com estes objetivos o neotomismo entrou no Brasil e na Argentina através da leitura, principalmente, de Jacques Maritain. O intelectual francês católico, através do seu livro *Humanismo Integral*<sup>6</sup>, demonstra a possibilidade de construção da cristandade numa situação histórica de Estado laico. Livro publicado no Brasil em 1941 e reeditado em 1945 pela Companhia Editora Nacional, como consta no *Boletim Bibliográfico da Biblioteca Nacional*. Na década de 1940, o autor teve 8 de seus livros introduzidos nas leituras dos intelectuais brasileiros (dentre eles o líder católico Alceu Amoroso Lima) e argentinos, contando com traduções para o português ou o espanhol e edições introduzidas em idioma original. Na esfera intelectual latino-americana, que até então tendia a se fechar à Igreja, a influência de Maritain oferecia uma nova perspectiva filosófica à classe dominante e uma renovação espiritual condizente com o momento de crise dos valores da modernidade. Influência que

---

<sup>5</sup> Cf. GOMES, Francisco José Silva. *De súdito a cidadão: os católicos no Império e na República*. In: *História e Cidadania. XIX Simpósio Nacional da Anpuh*. Belo Horizonte, 1997. Vol. II. SP: Anpuh, Humanitas, USP, 1998. Cf. também para maiores esclarecimentos sobre o caso argentino: FAUSTO, Boris e DEVOTO, Fernando J. *Brasil e Argentina: Um ensaio de história comparada (1850-2002)*. SP: Editora 34, 2004.

<sup>6</sup> MARITAIN, Jacques. *Humanismo Integral: Uma visão nova da ordem cristã*. SP: Companhia Editora Nacional, 1945. Fonte: Boletim Bibliográfico da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Acervo: Biblioteca Nacional.

percorre as décadas de 1930 e 1940. A releitura de São Tomás de Aquino também se dará com força. Na Argentina, por exemplo, encontramos apenas no ano de 1940, três referências ao seu texto *Ente e essência* com traduções para o espanhol preparadas por editoras diferentes (a Editorial Losada, a Editora do Instituto de Filosofia da Faculdade de Filosofia de Buenos Aires e a Editorial Tor), o que demonstra o interesse que seus textos geravam à época<sup>7</sup>. Dentre os periódicos pautados nas idéias de São Tomás de Aquino e em sua releitura promovida por Maritain, destacamos um de título bastante sugestivo: *Sol y Luna*. Declaradamente tomista, a revista apresenta referências à filosofia de São Tomás em quase todos os artigos. Contava com a colaboração de padres e membros do clero argentino, como o presbítero e arcebispo neotomista Octavio Derisi Lomanto, fundador da *Sociedad Tomista Argentina* em 1948. A revista também era promotora de uma ideologia de direita nacionalista e profundamente anti-semita e anticomunista. Publicada entre novembro de 1938 e maio de 1943 apresentava posição favorável ao fascismo no contexto da Segunda Guerra.

O artigo inicial do primeiro volume da *Sol y Luna* é exemplar na preocupação de aplicação do tomismo ao conhecimento produzido no país. Nele o padre Garrigou Lagrange convoca a filosofia tomista como forma de impedir os avanços da filosofia contemporânea. Nesta última estariam incluídas, por exemplo, as idéias positivistas de Comte, além de outras fenomenológicas e evolucionistas. Segundo ele, estas seriam idéias atrasadas que não vêm com profundidade a figura humana e sua relação com Deus. Para superar estas tendências, sugere atenção especial à releitura de Aristóteles promovida por São Tomás acerca do homem, do mundo e de Deus. A filosofia tomista seria um caminho possível naquele momento, porque não apagaria o que foi ensinado pela ciência. Afinal, em suas palavras “(...) esta filosofia se abre [grifo do autor] ao mesmo tempo a tudo o que nos ensina o progresso das ciências”<sup>8</sup> (LAGRANGE, 1938:11). Mais ainda, o tomismo teria a capacidade de absorver o que há de positivo nas concepções a ele opostas. Lagrange insiste em sua grande capacidade de compreensão da realidade, sem limitá-la ou negá-la. Perceberia, ao mesmo tempo, que a realidade vai além do que a razão poderia calcular e do que todas as concepções filosóficas ligadas à modernidade seriam capazes de sistematizar. Assim, a filosofia tomista apropriada para a realidade inicial do século XX negava a primazia da razão e da ciência, mas seria capaz de absorver aquilo que ela teria trazido de contribuição positiva, diante,

---

<sup>7</sup> As referências completas dessas edições de São Tomás publicadas em Buenos Aires em 1940 são: *Del ente y de la esencia*. Editorial Losada, 1940; *El ente y la esencia*. Editorial Instituto de Filosofía de la Facultad de Filosofía y Letras de Buenos Aires, 1940; e *Ente y esencia*. Editorial Tor, 1940.

<sup>8</sup> *El tomismo y la filosofía contemporánea*. Reginaldo Garrigou Lagrange. Revista Sol y Luna, Vol. 1, 1938. p. 11. Acervo: Biblioteca do Itamaraty. No original: “(...) esta filosofía se abre al mismo tiempo a todo lo que nos enseña el progreso de las ciencias”.

evidentemente, de um olhar religioso. Conseguiria conjugar o progresso e a razão com uma perspectiva teológica; não apagaria a fé nem a razão; conjugaria fé e razão, religião e ciência, algo muito apropriado para os interesses de intelectuais ligados a classe dominante no período.

Também interessante nesta tentativa de conjugação entre fé e razão nas interpretações que se queria formular sobre a sociedade latino-americana, parece ser a retomada, em conjunto com a filosofia tomista, de leituras iluministas. Argumento que pode ser ilustrado a partir da observação das principais traduções de autores iluministas publicadas no Brasil e na Argentina ao longo das décadas de 1930 e 1940, constantes no *Boletim Bibliográfico da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro* e no *Boletín Internacional de Bibliografía Argentina*<sup>9</sup>. No Brasil temos 4 traduções de Voltaire na década de 1940; na Argentina entre 1939 e 1944 temos 5 traduções do mesmo autor; além de 6 traduções de Rousseau, 7 de Descartes, 10 de Kant, 2 de Montesquieu, 1 de Hume e 2 de Spinoza aproximadamente entre os anos de 1937 e 1947. Interessante é que o tomismo que lá sofreu uma adaptação bastante autoritária e conservadora por parte de alguns intelectuais, parece ter sido mais conjugado aos iluministas do que no Brasil. Contudo, acreditamos que, ora com maior ora com menor intensidade, esta conjugação se fazia muito útil aos objetivos de autoqualificação que os intelectuais que trabalhavam a história oficial apresentavam. Lembramos ser preciso também legitimar a nova interpretação então formulada para a história do Brasil, da Argentina e da América, mais otimista e aberta à fé, à religião e à tradição. Cabia a este objetivo a releitura, adaptada e, de certo modo, suavizada, do racionalismo iluminista. Afinal, buscar na ilustração uma matriz para a modernidade na América Latina servia como explicação para não continuar sendo desqualificado. Sugerimos que os intelectuais tomistas que exaltavam a capacidade de assimilação e absorção da filosofia de São Tomás, procuraram pô-la em prática em um exercício de apropriação de leituras iluministas. Seria preciso abrir-se ao diálogo sem perder os valores tradicionais e, impondo, muitas vezes, valores bastante conservadores diante da modernidade. Em meio à ruptura com a desqualificação que o positivismo nos conferia, construiu-se uma releitura do passado acordante com objetivos presentes e em vista da construção do futuro<sup>10</sup>.

A busca de legitimidade envolvia ainda a comprovação daquilo que se argumenta. Era preciso obter provas empíricas para a interpretação elaborada acerca do passado. Assim, se o

---

<sup>9</sup> Fontes encontradas na Biblioteca Nacional, no Real Gabinete Português de Leitura e na Biblioteca do Itamaraty.

<sup>10</sup> Sobre o tema, cf. KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: Contribuição à semântica dos tempos históricos*. RJ: Contraponto: PUC-Rio, 2006.



tomismo trazia o suporte da fé unida à razão e o iluminismo contribuía com uma matriz para a ruptura com a desqualificação, deve-se acrescentar uma contribuição positivista que não foi abandonada: o uso de fontes documentais e a pesquisa em arquivos. O positivismo que neste momento era combatido política e ideologicamente, metodologicamente ainda teria a acrescentar à produção do conhecimento histórico. Em termos de método, ele comprovaria a releitura da história da América. Não é à toa que a organização de arquivos e o incentivo ao uso de fontes históricas tenham sido objetivos de intelectuais e instituições históricas. Pesquisar em arquivos ganhava significado para além do método histórico. Sua importância estaria em validar a tradição nacional diante dos valores da modernidade, mas sem esquecer que esses valores também são importantes para a produção do conhecimento histórico. Com isto, procura-se conferir caráter de verdade ao que é apresentado pela tradição. Mais ainda: procura-se legitimar a história nacional e/ou da América aqui produzida, conferindo-lhe caráter de cientificidade. A pesquisa em arquivos comprovaria as novas possibilidades otimistas para a América Latina. Busca-se uma forma de não continuarmos sendo desqualificados. A fé otimista do neotomismo, a razão iluminista e os métodos positivistas parecem servir muito bem a este interesse em torno das décadas de 1920 e, em especial, 1930 e 1940 no Brasil e na Argentina.

#### **Fontes:**

Boletim Bibliográfico da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

Boletín Internacional de Bibliografía Argentina.

Revista Sol y Luna, Vol. 1, 1938.

#### **Bibliografia:**

FAUSTO, Boris e DEVOTO, Fernando J. *Brasil e Argentina: Um ensaio de história comparada (1850-2002)*. SP: Editora 34, 2004.

GOMES, Francisco José Silva. *De súdito a cidadão: os católicos no Império e na República*. In: *História e Cidadania. XIX Simpósio Nacional da Anpuh. Belo Horizonte, 1997*. Vol. II. SP: Anpuh, Humanitas, USP, 1998.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: Contribuição à semântica dos tempos históricos*. RJ: Contraponto: PUC-Rio, 2006.

PAIM, Antonio. *História das Idéias Filosóficas no Brasil*. 2<sup>a</sup> ed. SP: Grijalbo, 1974.

SUSSEKIND, Flora e VENTURA, Roberto. *História e Dependência – Cultura e Sociedade em Manuel Bomfim*. SP: Editora Moderna, 1984.

TODOROV, Tzvetan. *Nous et les autres: La réflexion française sur la diversité humaine*. Paris : Éditions du Seuil, 1989.

\_\_\_\_\_. *A vida em comum: Ensaio de antropologia geral*. Campinas: Papyrus, 1996.